

HOMO DEUS: uma breve história do amanhã ou o amanhã em distopia?**R. F. FREITAS***Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande de Norte
ramiroferreira91@gmail.com*

Submetido 14/08/2017 - Aceito 17/07/2019

DOI: 10.15628/holos.2019.6217

Yuval Noah Harari. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Obra de impactantes revelações e controvérsias. O livro é emblemático em, pelo menos, 2 sentidos: (1) traz à lume referências e notícias cujo escopo é tornar mais tecnológica a sociedade e (2) indica ameaças à promoção de valores (que serão mudados) e ao ecossistema planetário. O homem já não se conforma em ocupar lugar privilegiado na criação: ele *quer ser* Criador e arroga-se no papel do máximo Design.

Yuval Noah Harari é professor e historiador na Universidade Hebraica de Jerusalém. Seus trabalhos “futurísticos” nos fazem refletir e perguntar: afinal, para onde estamos indo? Entramos no século XXI abandonando mitos e preconceitos, mas inventando novas dificuldades, inaugurando incertezas outrora desarrazoadas. Em 11 capítulos o porvir desvela-se profetizado e obscuro. O ‘Bravo’ novo mundo do israelense é uma distopia, verdadeira ‘ilha’ dos fenômenos. Capacidades e mentalidade confundem-se nas sinapses computadorizadas. O Antropoceno (cap. 2) seria um reino, segundo o próprio nome, antropocêntrico e governado pela Humanidade no mais completo subjugar artificial.

Até os enganos passados serão ressignificados e poderão apagar-se, caso a genialidade robótica o queira: “Mais tarde, se quisermos passar a limpo nossos erros do passado, nosso *eu* da narrativa terá de inventar alguma mudança no enredo que infunda nesses erros um significado”.

Política, moral, estética, sentimento,... Tudo na “Epifania” do gênero parece transitivo. O *Homo sapiens* é movido pelas maquinações de sua consciência. Julga ele possuir elevados princípios mas, outra espécie – *Homo deus* – é mais flexível. Ao menos assume quão distante os padrões sociais e familiares restarão. A tecnociência dos nossos dias, após decifrar o código genético, produzir seres híbridos e clonar ovelhas não achará limites?

A Revolução Humanista (cap. 7) não é justa. Os abastados possuem melhores condições e, obviamente, aproveitarão melhor os ‘benefícios’ do ‘paraíso terrenal’. Hoje mesmo poder-se-á constatar isso por intermédio dos fármacos complexos, das terapias e das cirurgias exclusivas. Os pobres, refugiados e vítimas de regimes totalitários não têm a mesma sorte. Vejamos um relato eloquente: “*Em 17 de julho de 2015, a chanceler alemã Angela Merkel foi confrontada por uma adolescente palestina refugiada do Líbano, cuja família pedira asilo na Alemanha mas cuja deportação era iminente. A garota, Reem, disse a Merkel num alemão*

fluente: “É realmente muito difícil ver como outras pessoas podiam aproveitar a vida, enquanto eu mesma não posso. Não sei o que o futuro me trará”. Merkel respondeu que a “política pode ser dura” e explicou que há centenas de milhares de refugiados palestinos no Líbano e que a Alemanha não pode absorvê-los todos. Aturdida com essa resposta pragmática, Reem começou a chorar. Merkel acariciou as costas da menina, porém manteve sua posição”. Talvez uma decisão insensível seja lógica do ponto de vista mais sistemático. Impedir alguém de estar no mesmo patamar igualitário já não soa antiético, as pessoas responsáveis por liderança (política, religiosa, econômica ou científica) exercem sua autoridade e, nem sempre, respondem com senso de urgência e apreço quanto ao próximo. Muitos dizem: “A desgraça dos estrangeiros é problema conjuntural”. Justificam discursos desde assertivas vagas como ‘ajuda local’ ou ‘acordos de paz mediados’. Tudo isso oculta sutil afastamento dos “problemas” que, se não forem vistos não causarão opróbrio.

Na Parte III do ensaio (“**O HOMO SAPIENS PERDE O CONTROLE**”) encontramos provocações sobre a desenfreada ocupação com manipulação de elementos biológicos em laboratório e o grande fluxo instável de acontecimentos, substâncias e informações. Nossa geração poderá autodestruir-se num instante (ameaças nucleares, aquecimento global e fatores menos popularizados são fontes da mais inquieta tensão). Não há quem conteste eventual “Guerra Cibernética”, pouco tempo atrás reivindicada na operação norte-americana ‘Raposa no Deserto’ (Guerra do Golfo, 1990-91) e no uso pioneiro da “Mãe de todas as bombas”, - GBU-43/B - instrumento destrutivo somente comparável aos dispositivos nucleares (ogivas e artefatos similares) capaz de alcançar grandes extensões, ostentando poder destrutivo assombroso (Afeganistão, 2017).

Observar acontecimentos recentes nos aproxima do texto ora resenhado. Bênçãos e maldições confundem-se porquanto não há resposta definitiva ao ponto central do debate: o que acontecerá?

A leitura integral fornecerá subsídios para investigações mais densas. O mérito das ponderações não reside em concordância plena – de fato, podemos discordar de muitas notas e raciocínios, todavia, o olhar deve seguir fixo no horizonte das próximas fronteiras biotecnológicas. Na Bioética personalista buscam-se prevenção e repressão aos usos nocivos do progresso avassalador instalado na agenda científica.

Liberdade conhece limites e os indivíduos merecem defesa contra arbítrios espúrios. Se uma “engenharia dos corpos” significar reducionismo particular dos homens, certamente não serve ao bem-estar da sociedade, das famílias e das coletividades intergeracionais.